

Desempregados já são 139 mil

DF - Desemprego

Pesquisa revela que mais 5,4 mil pessoas não conseguiram emprego em março; renda do trabalhador teve queda de 0,3%

Brasília ganhou mais 5,4 mil desempregados em março. Isso fez o número das pessoas sem emprego subir para 139,5 mil, contra os 134,1 mil de fevereiro. Agora, a taxa de desemprego representa 17,2% das 812 mil pessoas que formam a População Economicamente Ativa (PEA) do DF. Apenas 672,5 mil brasilienses possuem emprego.

Esses são os resultados da Pesquisa de Emprego e Desemprego do DF (PED), realizada pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), pela Secretaria de Trabalho do GDF, pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade/SP).

“A construção civil e o comércio foram os setores que mais desempregaram”, afirmou a supervisora técnica do Dieese, Rosane Maia. Ela acrescentou que a maior taxa de desemprego (21,4%) foi encontrada nas cidades de Brazlândia, Ceilândia, Samambaia, Paranoá, São Sebastião e Santa Maria. “São o grupo de menor renda”, informou.

Procura - O desemprego em Brasília tem uma característica diferente de capitais como São Paulo e Belo Horizonte, segundo o secretário-adjunto do Trabalho, Ivan Guimarães. Aqui, o problema não é de demissões, e sim de uma diferença entre a procura e a oferta de empregos, afirmou.

“A secretaria estaria mais preocupada se os chefes de família estivessem perdendo seus empregos”, acrescentou. Em março, 11,7 mil pessoas saíram às ruas para procurar emprego, mas apenas 6,3 mil encontraram. As outras aumentaram o índice de desemprego, e os homens foram os mais atingidos.

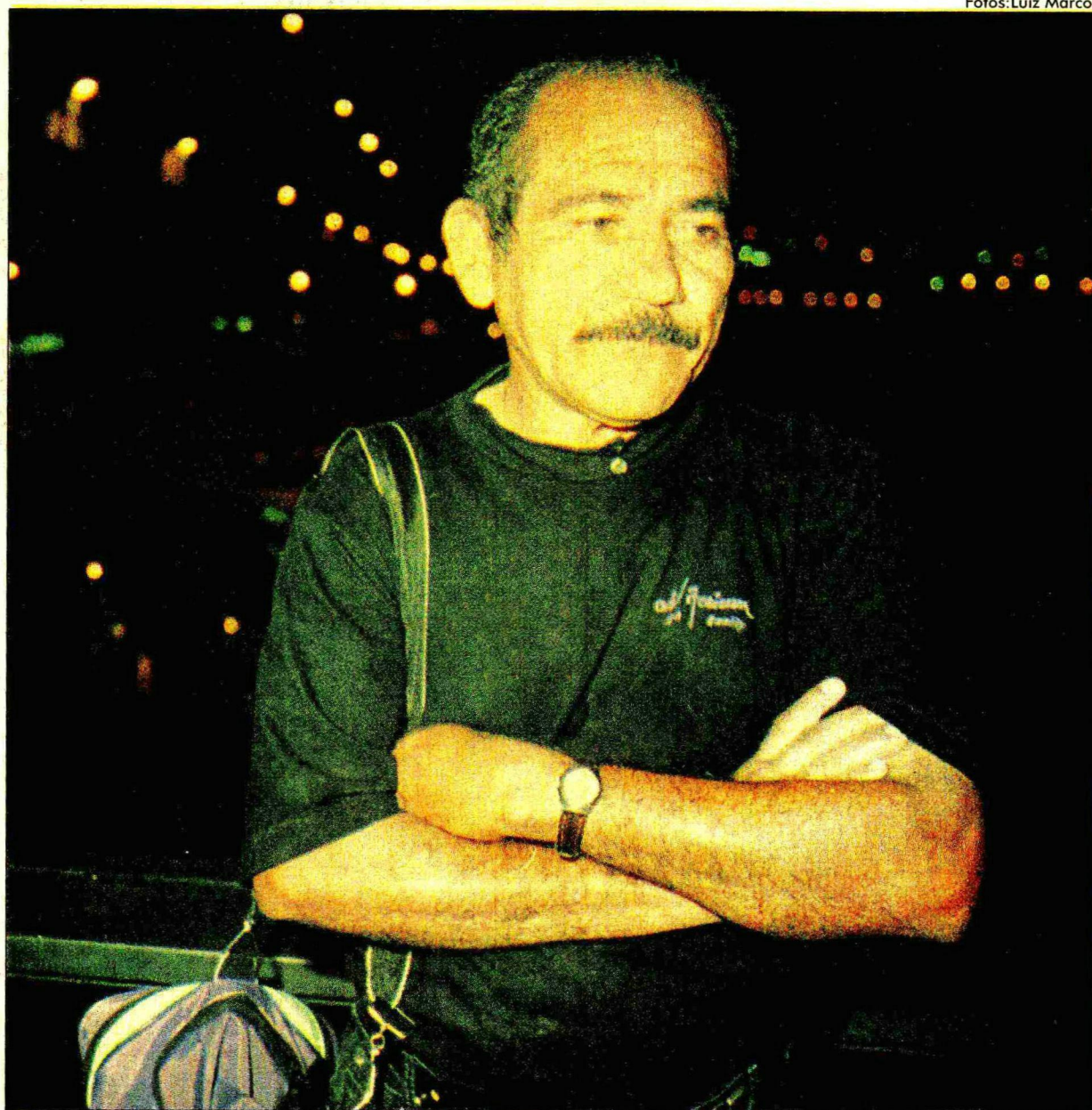
As pessoas que conseguiram empregos aumentaram o nível de ocupação em 0,9%. Os setores que mais empregaram foram a administração pública, os serviços (emprego doméstico) e a indústria (alimentação).

“Ainda não temos um perfil dessas pessoas que entraram no mercado de trabalho, mas há uma forte presença de mulheres”, avaliou Ivan Guimarães. Queda - Já o rendimento médio do trabalhador brasiliense teve

uma leve queda de 0,3% e passou de R\$ 803 para R\$ 801, em fevereiro. Mas ainda é maior que a renda média do trabalhador de São Paulo (R\$ 763), de Porto Alegre (R\$ 484) e de Belo Horizonte (R\$ 539).

O secretário-adjunto do Trabalho avalia que, no próximo trimestre, poderá haver uma baixa no índice de desemprego. “A alta do desemprego é comum nesta época do ano. Há uma alta probabilidade estatística de queda da taxa de desemprego no próximo trimestre. Isso se o Plano Real, que é um divisor de águas, se mantiver estável”, observou.

Fotos: Luiz Marcos



O pedreiro Antônio Nascimento veio do Piauí para o DF em busca de trabalho, mas sobrevive de pequenos serviços

Pedreiro procura emprego há 2 anos

O piauiense Antônio Gomes do Nascimento, 54 anos, é pedreiro há tanto tempo que nem se lembra mais quando começou. “Só sei que já enchi quase duas carteiras de trabalho”, garante. Exercia a profissão na cidade onde nasceu, Parnaíba, e em outros estados do Nordeste.

No entanto, já faz dois anos que está em Brasília e ainda não conseguiu emprego na construção civil. “Eles dizem que não estão pegando ninguém para trabalhar”, conta. Sem trabalho certo, Antônio mora em Planaltina, com um irmão, e sobrevive dos bicos que aparecem de vez em quando.

Mas o dinheiro é tão pouco que não sobra para a mulher e os sete filhos que ficaram em Parnaíba. Ontem à noite, Antônio pensava na vida enquanto assistia a um show de músicos evangélicos, na Rodoviária. “Tenho que continuar procurando emprego”, observou.

A crise no setor da construção civil de Brasília não começou ontem. Segundo dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego do DF, entre março de 1995 e março de 1996, o setor eliminou 4,1 mil postos de trabalho. Entre fevereiro e março deste ano, foram queimados 1,1 mil postos.

Esse comportamento da construção civil vem sendo observado nos últimos três anos. Mas Antônio nem pensa em desistir. “Este mês, vou visitar minha terra e minha família porque estou com saudades”. Mas nem pensa em ficar por lá. “De jeito nenhum. No Piauí, é pior”, lamenta.